

LIÇÃO 20 - Os Significados de Disposição, de Posse, de Afecção, de Privação e de "Ter"

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 19-23: 1022b 1-1023a 25

“ 508. *Disposição significa a ordem do que tem partes, seja quanto ao lugar, seja quanto à potência, seja quanto à espécie. Pois deve haver uma certa posição, como o próprio termo disposição deixa claro.*

Capítulo 20

509. *Posse (propriedade ou hábito) significa, em um sentido, uma certa atividade do possuidor e da coisa possuída, como uma espécie de ação ou movimento. Pois quando uma coisa faz e outra é feita, o fazer é intermediário. E igualmente, entre quem possui uma vestimenta e a vestimenta possuída, a posse é intermediária. Por conseguinte, fica claro que não é razoável ter a posse da posse; pois, se fosse possível ter a posse do que é possuído, isso prosseguiria ao infinito. Em outro sentido, posse significa uma certa disposição pela qual a coisa disposta está bem ou mal disposta, seja em relação a si mesma, seja em relação a outra coisa; por exemplo, a saúde é uma espécie de posse e é tal disposição. Além disso, o termo posse é usado se há uma parte de tal disposição. E por esta razão, qualquer virtude relativa às potências da alma é uma espécie de posse.*

Capítulo 21

510. *Afecção (paixão) significa, em um sentido (modificação), a qualidade segundo a qual ocorre a alteração, como branco e preto, doce e amargo, pesado e leve, e todos os outros atributos tais. E em outro sentido (sofrimento), significa as atualizações e alterações destes; e destas, especialmente as operações e*

movimentos nocivos; e, mais particularmente, aquelas que são dolorosas e prejudiciais. Além disso, grande alegria e grande tristeza são chamadas afecções (paixões).

Capítulo 22

511. O termo *privação* é usado em um sentido quando uma coisa não possui um daqueles atributos que é adequado que algumas coisas tenham, ainda que aquela coisa particular não o teria naturalmente. Neste sentido, diz-se que uma planta é privada de olhos. E é usado em outro sentido quando uma coisa é naturalmente disposta a ter algo, seja em si mesma, seja segundo sua classe, e não o tem. Por exemplo, um homem e uma toupeira são privados de visão, mas de maneiras diferentes: esta segundo sua classe e aquele em si mesmo. Além disso, falamos de *privação* em relação a algo que uma coisa é por natureza tal que deveria ter uma certa perfeição e não a tem, mesmo quando está naturalmente disposta a tê-la. Pois a cegueira é uma *privação*, embora um homem não seja cego em qualquer idade, mas apenas se não tiver visão na idade em que está naturalmente disposto a tê-la. E similarmente, usamos o termo *privação* quando uma coisa não possui algum atributo que é naturalmente disposta a ter, em relação a onde, e ao quê, e ao objeto em relação ao qual, e da maneira como pode tê-lo por natureza, se não o tem. Além disso, a remoção de qualquer coisa pela força é chamada de *privação*.

512. E em todas as instâncias em que as negações são expressas pela partícula privativa a [i.e., des- ou in-], exprimem-se *privações*. Pois uma coisa é dita desigual porque não tem a igualdade que é naturalmente apta a ter. E uma coisa é dita invisível ou porque não tem cor alguma ou porque sua cor é deficiente; e uma coisa é dita sem pés ou porque lhe faltam pés completamente ou porque seus pés são imperfeitos. Além disso, usamos o termo *privação* para uma coisa quando ela tem algo em grau muito pequeno, por exemplo, "não inflamado", e isso significa tê-lo de maneira deficiente. E *privação* também designa o que não é tido fácil ou bem; por exemplo, uma coisa é incortável não apenas porque não pode ser cortada, mas porque não pode ser cortada fácil ou bem. E usamos o termo *privação* para o que não é tido de modo algum. Pois não é apenas o homem de um olho que é dito cego, mas aquele que carece de visão em ambos os olhos. E por esta razão nem todo homem é bom ou mau, justo ou injusto, mas há um estado intermediário.

Capítulo 23

513. Ter (possuir ou conter) tem muitos significados. Em um sentido, significa tratar algo segundo a própria natureza ou o próprio impulso; e por esta razão, diz-se que uma febre possui um homem, e que tiranos possuem cidades, e que pessoas vestidas possuem vestimentas. E em outro sentido, uma coisa é dita ter algo quando isto está presente no sujeito que o recebe; assim, o bronze tem a

forma da estátua, e um corpo, a doença. E tudo que contém outra coisa é dito ter ou conter; pois aquilo que é contido é dito ser contido pelo continente; por exemplo, dizemos que uma garrafa contém um líquido e uma cidade, homens, e um navio, marinheiros. É desta maneira também que um todo tem partes. Além disso, tudo que impede uma coisa de se mover ou de agir segundo seu próprio impulso é dito contê-la, como as colunas contêm o peso imposto sobre elas. É neste sentido que os poetas fazem Atlas conter o céu, como se de outra forma ele caísse sobre a terra, como também dizem certos físicos. E é neste sentido que aquilo que mantém algo unido é dito conter o que mantém unido, porque de outra forma se separaria, cada um segundo seu próprio impulso. E estar em algo é expresso de maneira similar e corresponde aos significados de ter.

COMENTÁRIO

Disposição

1058. Porque a expressão *segundo a qual* significa, em um sentido, posição, o Filósofo, portanto, passa a examinar (1058) o termo *disposição*. Ele dá o significado comum deste termo, dizendo que uma disposição nada mais é do que a ordem das partes em uma coisa que tem partes. Ele também dá os sentidos em que o termo *disposição* é usado; e são três:

O primeiro designa a ordem das partes no lugar, e nesse sentido, disposição ou postura é uma categoria especial.

1059. Disposição é usada em um segundo sentido na medida em que a ordem das partes é considerada em referência à potência ou poder ativo, e então a disposição é colocada na primeira espécie de qualidade. Pois uma coisa é dita estar disposta nesse sentido, por exemplo, segundo a saúde ou a doença, pelo fato de que suas partes têm uma ordem em seu poder ativo ou passivo.

1060. Disposição é usada em um terceiro sentido segundo o qual a ordem das partes é considerada em referência à forma e figura do todo; e então disposição ou posição é tida como uma diferença no gênero de quantidade. Pois diz-se que um tipo de quantidade tem posição, como linha, superfície, corpo e lugar, mas que outro não tem, como número e tempo.

1061. Ele também aponta que o termo *disposição* significa ordem; pois significa posição, como a própria derivação do termo torna claro, e a ordem está envolvida na noção de posição.

1062. **“Ter significa”** (509).

Ele agora passa a examinar o termo *ter*. Primeiro, ele dá os diferentes sentidos do termo *ter*. Segundo (1065), ele dá os diferentes sentidos de certos outros termos que estão intimamente ligados a este. Ele dá, portanto, primeiro, os dois sentidos em que o termo *ter* é usado:

Primeiro, designa algo intermediário entre o possuidor e a coisa possuída. Agora, embora *ter* não seja uma ação, não obstante significa algo à maneira de uma ação. Portanto, *ter* é entendido como

algo intermediário entre o possuidor e a coisa possuída e como uma espécie de ação; assim como aquecer é entendido como algo intermediário entre a coisa sendo aquecida e o aquecedor, seja o intermediário tomado como uma ação, como quando aquecer é tomado em sentido ativo, ou como um movimento, como quando aquecer é tomado em sentido passivo. Pois quando uma coisa faz e outra é feita, o fazer está entre elas. Em grego, o termo *poi,hsij* é usado, e este significa fazer. Além disso, se alguém vai do agente ao paciente, o intermediário é fazer em sentido ativo, e esta é a ação do fazedor. Mas se alguém vai da coisa feita ao fazedor, então o intermediário é fazer em sentido passivo, e este é o movimento da coisa sendo feita. E entre um homem tendo vestimenta e a vestimenta possuída, o *ter* é também um intermediário; porque, se o consideramos indo do homem para sua vestimenta, será como uma ação, como é expresso sob a forma “ter”. Mas se o consideramos da maneira oposta, será como o sofrimento de um movimento, como é expresso sob a forma “ser tido”.

1063. Agora, embora *ter* seja entendido como intermediário entre um homem e sua vestimenta na medida em que ele a tem, não obstante é evidente que não pode haver outro intermediário entre o *ter* e a coisa possuída, como se houvesse outro *ter* no meio entre o possuidor e o *ter* intermediário. Pois se alguém dissesse que é possível ter o *ter* “do que é tido”, i.e., da coisa possuída, um regresso infinito resultaria então. Pois o homem tem “a coisa tida”, i.e., sua vestimenta, mas ele não tem o *ter* da coisa tida por meio de outro *ter* intermediário. É como o caso de um fazedor, que faz a coisa feita por um fazer intermediário, mas não faz o próprio fazer intermediário por meio de algum outro fazer intermediário. É por esta razão também que as relações pelas quais um sujeito está relacionado a algo mais não estão relacionadas ao sujeito por alguma outra relação intermediária e também não ao termo oposto; paternidade, por exemplo, não está relacionada a um pai ou a um filho por alguma outra relação intermediária. E se algumas relações são ditas intermediárias, elas são meramente relações conceituais e não reais. *Ter* neste sentido é tomado como uma das categorias.

1064. Em um segundo sentido, o termo *ter* significa a disposição pela qual algo é bem ou mal disposto; por exemplo, uma coisa é bem disposta pela saúde e mal disposta pela doença. Agora, por cada um destes, saúde e doença, uma coisa é bem ou mal disposta de duas maneiras: em si mesma ou em relação a algo mais. Assim, uma coisa saudável é aquela que é bem disposta em si mesma, e uma coisa robusta é aquela que é bem disposta para fazer algo. Saúde é um tipo de *ter*, então, porque é uma disposição como a que foi descrita. E *ter* (hábito) designa não apenas a disposição de um todo, mas também a de uma parte, que é uma parte da disposição do todo. Por exemplo, as boas disposições das partes de um animal são elas mesmas partes da boa disposição do animal inteiro. As virtudes pertinentes às partes da alma são também hábitos; por exemplo, temperança é um hábito da parte concupiscível, fortaleza um hábito da parte irascível, e prudência um hábito da parte racional.

1065. **“Afeição”** Aqui ele passa a tratar dos termos que estão associados a *ter*. Primeiro, ele lida com aqueles que estão associados como um oposto; e segundo (1080), ele considera algo que está relacionado a ele como um efeito, a saber, *ter*, que deriva seu nome de *ter*.

Agora, há algo que se opõe a *ter* como o imperfeito se opõe ao perfeito, e isto é *afeição* (ser afetado). E *privação* se opõe por oposição direta. Portanto, primeiro (1065), ele lida com afeição; e segundo (1070), com privação (“O termo privação”). Ele dá, portanto, primeiro, quatro sentidos do

termo *afeição*:

Em um sentido (modificação) significa a qualidade segundo a qual a alteração ocorre, como branco e preto e similares. E esta é a terceira espécie de qualidade; pois foi provado no Livro VII da *Física* que pode haver alteração apenas na terceira espécie de qualidade.

1066. Afeição é usada em outro sentido (sofrer) segundo o qual as atualizações deste tipo de qualidade e alteração, que vem através delas, são chamadas afeições. E neste sentido afeição é uma das categorias, por exemplo, ser aquecido e resfriado e outros movimentos deste tipo.

1067. Num terceiro sentido, (sofrimento) "afeição" não significa qualquer tipo de alteração, mas aquelas que são nocivas e terminam em algum mal, e que são lastimáveis ou dolorosas; pois não se diz que uma coisa sofre na medida em que é curada, mas na medida em que é adoecida. Ou também designa qualquer coisa nociva que aconteça a algo, e com razão. Pois um paciente, pela ação de algum agente que lhe é contrário, é afastado de sua disposição natural para uma semelhante à do agente. Por isso, diz-se que um paciente sofre mais propriamente quando alguma parte de algo que lhe é adequado está sendo removida e enquanto sua disposição está sendo mudada para uma contrária, do que quando ocorre o oposto. Pois então se diz que ele é aperfeiçoado.

1068. E porque as coisas que não são muito grandes são consideradas como nada, portanto, num quarto sentido, (paixão) "afeição" não significa qualquer tipo de alteração nociva, mas aquelas que são extremamente prejudiciais, como grandes calamidades e grandes tristezas. E porque o prazer excessivo se torna nocivo (pois às vezes as pessoas morreram ou adoeceram como resultado dele) e porque a prosperidade excessiva se transforma em algo nocivo para aqueles que não sabem fazer bom uso dela, por isso outro texto diz: "grande alegria e grande pesar são chamados de afeições." E ainda outro texto concorda com isso, dizendo: "grandíssimas tristezas e prosperidades."

1069. Deve-se notar agora que, porque estes três — disposição, hábito ou posse, e afeição — significam uma categoria apenas em um dos sentidos em que são usados, como é evidente pelo que foi dito acima, ele, portanto, não os colocou entre as outras partes do ser, ou seja, com a quantidade, qualidade e relação. Pois todos ou a maioria dos sentidos em que eram usados pertenciam à categoria significada por esses termos.

1070. O termo "privação" (511).

Aqui ele dá os diferentes sentidos em que o termo *privação* é usado. E, uma vez que a privação inclui em sua estrutura inteligível tanto a negação quanto a aptidão de algum sujeito para possuir algum atributo, ele dá, primeiro, os diferentes sentidos de privação que se referem a esta aptidão ou capacidade para algum atributo. Segundo (1074), ele trata dos vários sentidos de negação ("E em todos os casos"). Em relação ao primeiro, ele dá quatro sentidos de privação:

O primeiro diz respeito a esta aptidão natural tomada em referência ao atributo do qual o sujeito é privado e não em referência ao próprio sujeito. Pois falamos de privação neste sentido quando algum atributo que é naturalmente apto a ser possuído não é possuído, mesmo que o sujeito que o falta não seja designado pela natureza para tê-lo. Por exemplo, diz-se que uma planta é privada de

olhos porque os olhos são naturalmente designados para serem possuídos por algo, embora não por uma planta. Mas no caso daqueles atributos que um sujeito não é naturalmente apto a ter, o sujeito não pode ser dito privado deles, por exemplo, que o olho, por seu poder de visão, deva penetrar um corpo opaco.

1071. Um segundo sentido do termo privação é notado em referência à aptidão de um sujeito para ter algum atributo. Pois neste sentido, privação refere-se apenas a algum atributo que uma coisa é naturalmente apta a ter, em si mesma ou de acordo com sua classe; em si mesma, por exemplo, como quando uma pessoa cega é dita privada da visão, que ela é naturalmente apta a ter em si mesma. E diz-se que uma toupeira é privada da visão, não porque seja naturalmente apta a tê-la, mas porque a classe, animal, à qual a toupeira pertence, é assim apta. Pois há muitos atributos que uma coisa não é impedida de ter por razão de seu gênero, mas por razão de sua diferença; por exemplo, um homem não é impedido de ter asas por razão de seu gênero, mas por razão de sua diferença.

1072. Um terceiro sentido do termo privação é notado em referência às circunstâncias. E neste sentido, diz-se que uma coisa é privada de algo se não o tem quando é naturalmente apta a tê-lo. Este é o caso, por exemplo, com a privação cegueira; pois um animal não é dito cego em qualquer idade, mas apenas se não tem visão numa idade em que é naturalmente apto a tê-la. Por isso, um cão não é dito cego antes do nono dia. E o que é verdadeiro para a circunstância "quando" também se aplica a outras circunstâncias, como "para onde", ou lugar. Assim, a noite significa a privação de luz num lugar onde a luz pode naturalmente existir, mas não em cavernas, que os raios do sol não podem penetrar. E aplica-se "a que parte", como um homem não é dito desdentado se não tem dentes na mão, mas apenas se não os tem naquela parte em que estão naturalmente dispostos a existir; e "ao objeto em relação ao qual", como um homem não é dito pequeno ou imperfeito em estatura se não é grande em comparação com uma montanha ou com qualquer outra coisa com a qual não é naturalmente comparável em tamanho. Por isso, um homem não é dito lento em movimento se não corre tão rápido quanto uma lebre ou se move tão rápido quanto o vento; nem é dito ignorante se não entende como Deus.

1073. Privação é usada num quarto sentido na medida em que a remoção de algo por violência ou força é chamada de privação. Pois o que é forçado é contrário ao impulso natural, como foi dito acima (829); e assim a remoção de algo pela força tem referência a algo que uma pessoa é naturalmente apta a ter.

1074. E em todos (512).

Então ele dá os diferentes sentidos de privação que envolvem negação:

Pois os gregos usam o prefixo *av-*, ao compor palavras, para designar negações e privações, assim como nós usamos o prefixo *in-*, *im-* ou *des-*; e, portanto, ele diz que em todos os casos em que se expressam negações designadas pelo prefixo *av-*, usado em composição no início de uma palavra, são designadas privações. Pois *desigual* significa, num sentido, o que carece de igualdade, desde que seja naturalmente tal que a tenha; e *invisível* significa o que carece de cor; e *sem pés*, o que carece de pés.

1075. Negações deste tipo são usadas num segundo sentido para indicar não o que não é possuído de todo, mas o que é possuído de forma ruim ou feia; por exemplo, diz-se que uma coisa é incolor porque tem uma cor ruim ou inadequada; e diz-se que uma coisa é sem pés porque tem pés defeituosos ou deformados.

1076. Num terceiro sentido, um atributo é significado privativamente ou negativamente porque é possuído em pequeno grau; por exemplo, o termo *avpu,rhnon*, i.e., não-aceso, é usado no texto grego, e significa uma situação onde a menor quantidade de fogo existe. E de certa forma este sentido está contido no segundo, porque ter algo em pequeno grau é de certa forma tê-lo de forma defeituosa ou inadequada.

1077. Algo é designado como uma privação ou negação num quarto sentido porque não é feito facilmente ou bem; por exemplo, diz-se que algo é incortável não apenas porque não é cortado, mas porque não é cortado fácil ou bem.

1078. E algo é designado como privação ou negação em um quinto sentido porque não é possuído de modo algum. Portanto, não é uma pessoa com um olho só que é dita cega, mas aquela que carece da visão em ambos os olhos.

1079. Disso ele extrai um corolário, a saber, que existe um intermediário entre o bem e o mal, o justo e o injusto. Pois uma pessoa não se torna má quando carece de bondade em qualquer grau, como diziam os estoicos (pois eles consideravam todos os pecados iguais), mas quando se desvia amplamente da virtude e é levada a um hábito contrário. Por isso, diz-se no Livro II da *Ética* que um homem não deve ser culpado por se desviar um pouco da virtude.

1080. **“Ter”** (513).

Em seguida, ele apresenta quatro maneiras pelas quais o termo *ter* (possuir ou segurar) é usado:

Primeiro, ter uma coisa é tratá-la de acordo com a própria natureza no caso das coisas naturais, ou de acordo com o próprio impulso no caso das questões voluntárias. Assim, diz-se que uma febre possui um homem porque ele é levado de um estado normal a um estado de febre. E no mesmo sentido, diz-se que os tiranos possuem cidades, porque os negócios cívicos são realizados de acordo com a vontade e o impulso dos tiranos. E também nesse sentido, aqueles que estão vestidos são ditos possuir ou ter roupas, porque a roupa se ajusta a quem a veste, de modo a tomar sua forma. E possuir algo também se reduz a esse sentido de ter, porque qualquer coisa que um homem possui, ele usa como quer.

1081. Ter é usado num segundo sentido na medida em que aquilo no qual algum atributo existe como seu sujeito próprio é dito tê-lo. É nesse sentido que o bronze tem a forma de uma estátua, e um corpo tem doença. E ter uma ciência ou quantidade ou qualquer acidente ou forma está incluído sob esse sentido.

1082. Ter é usado num terceiro sentido (conter) quando um recipiente é dito ter ou conter a coisa contida, e a coisa contida é dita estar contida pelo recipiente. Por exemplo, dizemos que uma garrafa tem ou “contém um líquido”, i.e., algum fluido, como água ou vinho; e uma cidade, homens; e um navio, marinheiros.

É nesse sentido também que um todo é dito ter partes; pois um todo contém uma parte assim como um lugar contém a coisa no lugar. Mas um lugar difere de um todo nesse aspecto: um lugar pode ser separado da coisa que o ocupa, enquanto um todo não pode ser separado de suas partes. Portanto, qualquer coisa que ocupa um lugar é como uma parte separada, como se diz no Livro IV da *Física*.

1083. Ter é usado num quarto sentido (segurar/suster) na medida em que uma coisa é dita segurar outra porque a impede de operar ou ser movida de acordo com seu próprio impulso. É nesse sentido que se diz que os pilares sustentam os corpos pesados colocados sobre eles, porque impedem que esses corpos caiam de acordo com sua própria inclinação. E nesse sentido também os poetas disseram que Atlas sustenta os céus; pois os poetas supunham que Atlas era um gigante que impedia os céus de cair sobre a terra. E certos filósofos naturais também dizem isso, sustentando que os céus serão corrompidos em algum momento e cairão em dissolução sobre a terra. Isso é evidentíssimo nas opiniões expressas por Empédocles, pois ele sustentava que o mundo é destruído um número infinito de vezes e vem a ser um número infinito de vezes. E as fábulas dos poetas têm algum fundamento na realidade; pois Atlas, que era um grande astrônomo, fez um estudo preciso do movimento dos corpos celestes, e disso surgiu a história de que ele sustenta os céus.

Mas esse sentido do termo *ter* difere do primeiro. Pois segundo o primeiro, como se viu, a coisa que tem obriga a coisa tida a seguir por razão de seu próprio impulso, e assim é a causa do movimento forçado. Mas aqui a coisa que tem impede a coisa tida de ser movida por seu próprio movimento natural, e assim é a causa do repouso forçado.

O terceiro sentido de ter, segundo o qual um recipiente é dito ter ou conter a coisa contida, é reduzido a esse sentido, porque as partes individuais da coisa contida seriam separadas umas das outras por seu próprio impulso peculiar se o recipiente não impedisse isso. Isso é claro, por exemplo, no caso de uma garrafa contendo água, na medida em que a garrafa impede que as partes da água se separem.

1084. Para encerrar, ele diz que a frase *estar em* uma coisa é usada da mesma maneira que ter, e os modos de estar em uma coisa correspondem aos de ter uma coisa. Agora, os oito modos de estar em uma coisa foram tratados no Livro IV da *Física*. Dois deles são os seguintes: (1&2) aquele em que um todo integral está em suas partes, e o inverso disso. Dois outros são: (3&4) o modo como um todo universal está em suas partes, e vice-versa. (8) E outro é aquele em que uma coisa num lugar está num lugar, e isso corresponde ao terceiro sentido de ter, segundo o qual um todo tem partes, e um lugar tem a coisa que o ocupa. (6) Mas o modo como uma coisa é dita estar em algo como numa causa eficiente ou motor (como as coisas pertencentes a um reino estão no rei) corresponde ao primeiro sentido de ter dado aqui (1080). (7) E o modo como uma coisa está num fim ou objetivo é reduzido ao quarto sentido de ter dado aqui (1083), ou também ao primeiro, porque aquelas coisas que estão relacionadas a um fim são movidas ou estão em repouso por causa dele. [(5) O modo como a saúde está num equilíbrio de temperatura, e qualquer forma está na matéria ou num sujeito, seja a forma accidental ou substancial.]